

Estrutura Vertical e Horizontal na Cosmologia Religiosa dos Índios Sul-Americanos¹

Herbert Baldus

Tradução de Ellen F. Woortmann²

Em diferentes grupos da América do Sul conta-se que seus antepassados vieram da terra (Baldus, 1937: 190-195). Isto leva a concluir a existência de um mundo subterrâneo. Tal mundo há também no mapa do universo de um desses grupos, os Tapirapé do Brasil Central, que eu mandei traçar por várias pessoas de confiança. O mundo de baixo foi então denominado como a "nossa terra" (*chanéyoy*). Disseram-me que lá é tudo como aqui, só que o nascer e o pôr-do-sol ocorrem de maneira exatamente oposta à de Tapiitaua, a aldeia Tapirapé.

O seu mundo de baixo não coincide com o que Lipkind (1940:249) escreve do mundo de baixo de seus vizinhos: "Além de ser a morada original dos Carajá, o mundo subterrâneo é também a morada dos mortos", embora esses índios se pareçam aos Karajá na origem subterrânea. As almas dos Tapirapé mortos povoam as aldeias abandonadas, que por isso mesmo não são visitadas de boa vontade. Em seu artigo sobre a cosmologia dos Tapirapé, Wagley (1940:255) menciona "underground" exclusivamente como caminho noturno imaginário de velha cabeça calva, o sol: "Cada noite, após claudicar por sua órbita diária (porque o "céu é acidentado" e o sol tem continuamente espinhos em seus pés), ele retorna pelo subterrâneo para leste, para sua casa em Maratawa". Além disso ele esclarece:

"Vários informantes descrevem Maratawa como uma ilha. Para os Tapirapé, o céu iluminado é envolvido pelo céu negro e em todos os lados abaixo das bordas do céu iluminado "onde o céu negro começa" a terra termina e a água começa. Assim a terra é uma grande ilha cercada de água por todos os lados. Os Tapirapé tendem fortemente a admitir que além desta água pode haver uma outra terra..."

[Maratawa é] "a morada de todos os heróis culturais tapirapé, de xamãs após a morte, e do sol e da lua" (ibid: 254). "Se os xamãs morrem de modo não violento, eles vão imediatamente para Maratawa, onde vivem abundantemente supridos de alimento, tabaco e todos os recursos do bem estar. Se morrem violentamente, entretanto (isto é, por suspeita de feitiçaria e executados pelos Tapirapé), eles vão para outra casa de xamãs a oeste. Esta é a 'casa dos ventos', onde fortes ventos sopram do sudoeste no final da estação seca. Eles recebem uma face artificial e permanecem aí até se curarem, antes de ir se juntarem a seus companheiros em Maratawa" (ibid: 255).

Kamairahó, um dos meus principais informantes em Tapiitaua, falou de duas aldeias dos xamãs, uma seria no leste, a outra no oeste, e cada um das duas tendo várias malocas e uma casa

¹ O artigo apresentado procura indicar um problema que deve ser examinado sistematicamente. Aqui pretende-se somente, pelo exemplo de várias tribos de diversas partes da América do Sul, dar uma ideia da diversidade das combinações das estruturas verticais e horizontais da cosmovisão desses índios.

² Do original "Verticale und horizontale Struktur im religiösen Weltbild südamerikanischer Indianer", *Anthropos* 63/64: 16-21, 1968/69. Nesta tradução dos nomes das sociedades indígenas estão apresentados segundo a "Convenção para a grafia dos nomes tribais" (*Revista de Antropologia* 2 (2): 150-152, São Paulo, 1954). As palavras da língua Tapirapé estão grafadas segundo a convenção adotada por Herbert Baldus no seu livro *Tapirapé* (São Paulo: Nacional e Edusp, 1970).

dos homens.

Na cosmovisão religiosa dos Tapirapé, portanto, as forças sobrenaturais moram no fim da terra habitada pelos vivos, e não acima ou abaixo, como na cosmovisão de muitos outros povos. Para as pessoas de Tampiitaua, junto com essa divisão espacial horizontal existe ainda porém uma estrutura vertical do universo: além do mundo de baixo há ainda dois céus (*yvangga*). O céu de cima, o maior dos dois, se chama *paankuáyma*, pois lá há, não só muita água, peixes gordos e mandioca, como igualmente grandes bananas silvestres (*paankuá*). Somente o xamã pode alcançá-lo, para todos os demais esse céu permanece invisível. Lá mora *Imaraí*, "nossa avó", e, quando troveja, então é este o barulho com o qual os xamãs mortos arrancam os postos da casa de *Imaraí*. O mais baixo dos dois *yvangga* chama-se miticamente *yrupäma*, "peneira". Quando *Imaraí* solta sua água, chove através dessa peneira.

Wagley (1940: 253-255; 1943: 69) sustenta a existência da estrutura vertical na cosmovisão Tapirapé, uma vez que utiliza os plurais "heavens" e "skies", e esclarece que "o céu iluminado é envolvido pelo céu negro"; ele também fala — no que se refere ao mundo de baixo — do caminho subterrâneo do sol.

A cosmovisão religiosa dos Karajá tem, como a dos habitantes de Tampiitaua, não só a estrutura vertical na forma do mundo de baixo, terra e céu, mas também uma horizontal. Diferencia-se dela pelas seguintes particularidades: entre os Tapirapé, as duas aldeias habitadas pelos seus xamãs mortos se localizam a leste e a oeste e não, como me foi claramente esclarecido, a norte e sul. Por outro lado, sobre o universo daquele grupo, que navega ao sul para o norte pelo Araguaia, escreve Lipkind (1940: 248):

“A jornada para seus limites setentrionais e meridionais é a jornada de iniciação dos mortos.. Nenhum homem desde os tempos lendários foi muito longe na direção das fronteiras orientais e ocidentais, e, além disso, há duas outras dimensões, o mundo subterrâneo e o céu... Se você remar muitos dias rio abaixo, você chegará a uma aldeia do transformador Kanashiwe, o limite setentrional do mundo. Uma igual jornada para cima levará você a seu limite meridional, uma outra aldeia de Kanashiwe”.

O Karajá Deauouro, da aldeia Santa Isabel, me falou de Bihú-mahandú e Berehachi-mahandú, duas aldeias de sua tribo. Aquela tem bananas e castanhas, mas não tem peixes, e está colocada sobre o céu visível. Em Berehachi-mahandú, porém, que se localiza abaixo da nossa terra, "há peixe e tudo é como entre nós". Os mortos vivem também naquele mundo de baixo "quase do mesmo modo como viveram na terra" (Lipkind: 249), depois que já chegaram através da mencionada "jornada de iniciação".

Entre os Karajá, o local de permanência dos mortos se liga portanto, a estrutura vertical de sua cosmovisão, enquanto que entre os Tapirapé ele se insere numa estrutura horizontal, onde as aldeias dos seus mortos não estão indicadas nem acima nem abaixo da terra, mas se encontram nela mesma. Finalmente, entre os Tapirapé ainda, as condições de permanência dos espíritos de todos os tipos possuem analogias com outros Tupí. Relativo à tradição, segundo a qual as almas dos Tupinambá mortos "vão para trás das altas montanhas com aquelas de seus avôs", escreve Métraux (1928: 123): "Este lugar de repouso, onde 'as almas' dançam para sempre sem falta de coisa alguma que lhes seja de necessidade, estaria situado para lá dos Andes, dos quais é possível que os Tupinambá tivessem um vaga idéia". A terra dos mortos estava para os Tupinambá em direção horizontal, isto é, em cima da terra e, segundo Métraux, no oeste, do outro lado dos Andes.

Os Guaraní acreditam que, depois da morte, as almas das crianças retornam a uma "terra sem mal", as dos adultos, todavia, são cercadas no caminho para lá pelas almas dos que faleceram anteriormente, devem ficar em companhia delas e viver com elas bem assim como na terra" (Nimuendajú 1914: 308-309). Esses índios ainda não estão de acordo entre si sobre "onde se localiza essa terra sem mal"; os vinculados a uma estrutura vertical da cosmovisão a supõem acima de si, no céu; a grande maioria dos pajés contudo acredita que ela se encontra no leste, do outro lado do mar (ibid. :354-355). Os Guaraní estiveram, desde o século XVII, em contato com missionários, o que talvez explique que, para alguns deles, o paraíso esteja no céu. Os meios de alcançá-los contudo não são propriamente cristãos: através do jejum e da dança, eles procuram deixar o corpo leve, apto para a ascensão vertical.

Por outro lado, não se vai pensar em influência cristã, quando, como relata H. Becher (1960: 91), índios que tiveram tão pouco contato com os brancos, como os Surará e os Pakidái, consideram a lua como o lugar

"onde todas as almas das pessoas que foram queimadas após sua morte, sob *Poré*, levam uma existência paradisíaca. Há animais, plantas e frutas, aí, em abundância e nenhum morador da lua precisa passar fome ou sede. Mas somente com a fumaça que sobe durante a cremação é que a alma *uwexib* (idêntico a nuvem, fumaça), que se encontra nos ossos, e que em vida nunca abandona o corpo, pode alcançar esse paraíso. As almas de mortos não cremados se tornam sombras — *petanuáhi* — as quais, sem paz, sem comida nem bebida, têm que errar entre a Terra, o Sol e a Lua".

O Senhor da Lua, denominado *Poré*, é imaginado com longa barba branca: "de vez em quando ele desce à Terra, mas é então invisível para as pessoas " (ibid).

Uma estrutura horizontal é mostrada na cosmovisão Akuên-Xavânte. Sobre isto escreve Maybury-Lewis (1965:263):

"Os espíritos dos parentes mortos, disseram-me, iam para uma aldeia dos mortos que era um lugar de felicidade e abundância, situado no começo do céu, a leste. No fim do céu, a oeste, viviam os sinistros espíritos *wazepari'wa*, que ficam à espera das almas dos mortos que fazem seu perigoso caminho na direção leste e tentam pegá-las para aumentar suas próprias fileiras".

A seguinte frase pode valer como indicação de uma estrutura vertical na cosmovisão desses mesmos índios: "Nosso ancestral Aiwandzú saiu da terra"(id. 1967: 285).

A estrutura vertical se torna mais clara ainda nos mitos Kayapó. Nestes se diz que eles desceram do céu, e que ainda hoje moram parentes seus lá em cima (Banner 1957: 38; Lukesch 1959: 69; Métraux 1960: 7-8; Dreyfus 1963: 143). A paisagem acima das nuvens é equivalente à flora e fauna terrestre em que vivem os índios. O tatu, que cavou o buraco no céu, através do qual se alcançou a Terra, achou também, cavando, o mundo de baixo (Banner: 50). Aí vivem pessoas transformadas em porcos que de vez em quando fazem a terra tremer.

Os Xipáya têm igualmente uma estrutura vertical partida em: mundo de cima, terra e mundo de baixo, assim que Nimuendajú (1939:9-10) observa: "O mundo se apresenta como uma quantidade de andares".

Encontra-se também os três andares entre os Matáko: o mundo de baixo, o lar dos mortos, se assemelha à terra e tem o sol de noite (Métraux 1939:9-10).

Um outro grupo do Chaco, os Tumerehá-Txamakôko têm duas versões diferentes sobre a estrutura vertical: segundo uma, há dois céus sobre, e dois abaixo da terra; segundo a outra versão, há cinco céus acima da terra e dois abaixo (Baldus 1931:79-80).

A divisão da estrutura vertical em mais do que três componentes existe também em grupos das regiões mais ao norte da América do Sul. Assim o é entre os Taulipâng, como escreve Koch-Grünberg (1923:175): "Ambas as partes do mundo, a abaixo e a cima de nós, constituem, segundo sua crença, repartições isoladas. Abaixo da nossa terra é exatamente como aqui, um céu, montanhas, rios, mato. Há três subdivisões abaixo da nossa terra. Para os que moram embaixo, o céu é o chão dos que moram em cima!"

Relativo aos Waiwái, lemos em Fock (1963:101): "O cosmos consiste de cinco camadas. Cada um desses planos tem solo e árvores, tal como a camada dos humanos. Há uma abertura em cada camada que permite um certo trânsito entre elas. Elas não têm nomes especiais, mas tomam seu caráter dos seres que nelas residem. Três desses planos estão acima da camada dos humanos e são coletivamente chamados kapu, céu (firmamento)".

Segundo a crença dos Witôto, na Colômbia, o universo é igualmente composto de cinco partes sobrepostas:

"No meio se encontra o mundo das pessoas denominado, 'o de baixo', isto é, o mundo colocado debaixo do céu. Ele se chama também, 'o sonhado', 'a visão de sonho', e 'esta parte'. Acima e abaixo há dois céus e dois mundos de baixo. O primeiro céu é diferenciado por ser mais azul e branco, porém, por outro lado são relacionadas três partes desse mesmo céu; a do meio, é a parte principal do reino do deus-sol: acima dela, está o céu da luz (*reredeiko*, provavelmente de *reia*, cor amarela), e abaixo dela, está *hiarereiko*, o céu vermelho, de *hiarei*, vermelho. O último é o céu mais abaixo, esse que nós vemos, e a ele temos de agradecer que o sol não aquece demais. Não fosse assim, todos nós seríamos queimados. O céu de cima é habitado por seres com forças mágicas, semelhantes a uma aranha. O primeiro mundo de baixo é o dos antepassados. Abaixo dele está a moradia do antepassado mais remoto, o mundo mais abaixo, que é cheio de fogo" (K. Th. Preuss 1921: 49).

A cosmovisão dos Borôro no Mato Grosso une a estrutura vertical com a horizontal: no "céu branco", o mais abaixo dos três céus, moram "certos espíritos brabos", no "céu vermelho" estão os espíritos bons e no "céu azul", moram juntamente com o "Pai dos Espíritos" e a "Mãe dos Espíritos", os espíritos dos xamãs horizontal e femininos que já cumpriram o seu dever; a estrutura horizontal não deixa que "bons espíritos" repousem somente na terra, em montanhas, árvores e cavernas, mas também coloca uma parte do reino dos mortos no leste e a outra parte no oeste (Albisetti e Venturelli 1962: 776-777).

Menciona-se mais um importante deslocamento da estrutura horizontal para a estrutura vertical. Karl von den Steinen (1894: 349-350) escreve:

"As sombras dos Baikirí mortos vão ao céu para os antepassados. O céu não é a terra do futuro, mas sim a do passado; os velhos ainda estão aí, a saber, onde a história começou. O céu, no qual os primeiros Bakairí viveram, se encontrava antigamente ao lado da terra, e se podia passar para lá. Mas como lá morria gente demais, as pessoas mudaram-se para a terra e o céu subiu até onde ele está agora, e onde os animais, aldeias e coisas que aparecem nas antigas histórias ainda hoje podem ser vistas".

Mas, um deslocamento pode ocorrer também no interior de uma estrutura vertical, como nos

mostra um conto dos Takâna da Bolívia, levantado por Hissink e Hahn (1961:88):

"Na terra abaixo da nossa vivem pessoas. Elas são como as pessoas da nossa terra, só que maiores. Quando para nós é dia, a terra de baixo é noite, e, quando para nós é noite, na terra de baixo é dia. Lá brilham o mesmo sol e a mesma lua, como para nós. Se a nossa terra com sua gente viesse a ser destruída, a terra de baixo viria para cima, de maneira que suas pessoas viveriam, e continuaria existindo terra com pessoas".

BIBLIOGRAFIA

- ALBISSETI, César e VENTURELLI, Angelo Jayme. *Enciclopédia Bororo*. Campo Grande, 1962.
- BALDUS, Herbert. *Indianerstudien in nordöstlichen Chaco*. Leipzig, 1931.
- _____. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. São Paulo, 1937.
- BANNER, Horace. "Mitos dos índios Kayapó". *Revista de Antropologia* 5: 37-66. São Paulo, 1957.
- BECHER, Hans. *Die Surára und Pakidái, zwei Yanonámi-Stämme in Nordwestbrasilien*. (Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde in Hamburg, 26). Hamburg, 1960.
- DREYFUS, Simone. *Les Kayapo du nord*. Paris, 1963.
- FOCK, Niels. *Waiwai. Religion and Society of an Amazonian Tribe*. (Nationalmuseets Skrifter, Etnografisk Roekke, 8). Compenhagen, 1963.
- HISSINK, Karin und HAHN, Albert. *Die Tacana*, Bd.1. Stuttgart, 1961.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Vom Roroima zum Orinoco*, Bd. 3. Stuttgart, 1923.
- LIPKIND, William. "Carajá Cosmography". *The Journal of American Folk-Lore* 53: 248-251, 1940.
- LUKESCH, Anton. "Bebgororotí, eine mythologische Gestalt der Gorotire-Indianer". *Wiener Völkerkundliche Mitteilungen* 7: 63-78, 1959.
- MAYBURY-LEWIS, David. *The Savage and the Innocent*. Cleveland and New York, 1965.
- _____. *Akwẽ-Shavante Society*. Oxford, 1967.
- MÉTRAUX, Alfred. *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani*. Paris, 1928.
- _____. "Myths and Tales of the Matakó Indians". *Etnologiska Studier* 9: 1-127, 1939.
- _____. "Mythes et contes des Indiens Cayapo (groupe Kuben-Krankegn)". *Revista do Museu Paulista*, N.S., 12: 7-35, 1960.
- NIMUENDAJÚ (Unkel), Curt. "Die Sagen von der Erschaffung und vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní". *Zeitschr. f. Ethnol.* 46: 284-403, 1914.
- _____. "Bruchstücke aus Religion und Überlieferung der Sipáa-Indianer". *Anthropos* 14/15: 1002-1039; 16/17: 367-406, 1919-22.
- PREUSS, K. Th. *Religion und Mythologie der Uitoto*, Bd. 1. Göttingen, 1921.
- von den STEINEN, Karl. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*. Berlin, 1894.
- WAGLEY, Charles. "World View of the Tapirape Indians". *The Journal of American Folk-Lore* 53: 252-260, 1940.
- _____. "Tapirapé Shamanism". *Boletim do Museu Nacional, Antropologia*: 3: 1-94, Rio de Janeiro, 1943.

Traduzido por Ellen F. Woortmann do original "Verticale und horizontale Struktur im religiösen Weltbild südamerikanischer Indianer", *Anthropos* 63/64: 16-21, 1968/69.